

Original

Aspectos sociodemográficos, laborais e de saúde de enfermeiros de um hospital especializado em cardiologia

Sociodemographic, occupational and health aspects of nurses at a hospital specialized in Cardiology

Aspectos sociodemográficos, laborales y de salud en enfermeros de un hospital especializado en Cardiología

Bárbara Laurie Bueno dos Santos¹

ORCID: 0000-0001-9364-1736

César Augusto Guimarães Marcelino¹

ORCID: 0000-0001-5643-0489

Sérgio Henrique Simonetti¹

ORCID: 0000-0001-7840-8004

Resumo

Objetivos: Identificar aspectos sociodemográficos, laborais e de saúde de enfermeiros de um hospital público especializado em cardiologia de São Paulo. **Métodos:** Estudo descritivo e quantitativo, com 87 enfermeiros atuantes na instituição. A coleta de dados ocorreu de maio a outubro de 2023, por meio de um questionário. Posteriormente, as variáveis foram agrupadas e analisadas. **Resultados:** A maioria dos profissionais eram do sexo feminino, casados e brancos. A média de idade foi de 43,3 anos e a renda média foi de 5.000 a 10.000 reais; 85% eram especialistas, sendo a área cardiovascular a mais comum. Os problemas de saúde mais frequentes foram colesterol alto e doenças osteomusculares. Participantes mais felizes apresentaram menor incidência de colesterol alto, doenças oncológicas e emocionais. Os profissionais mais satisfeitos relacionaram-se com vínculo empregatício de iniciativa privada. Indivíduos que não acreditavam que seus problemas de saúde estivessem relacionados ao trabalho eram mais felizes, satisfeitos e menos estressados. **Conclusão:** A análise permitiu caracterizar os enfermeiros do contexto estudado, com predominância de mulheres, pós-graduados e atuação assistencial. A maioria relatou boa saúde. Observou-se associação entre felicidade e satisfação e o nível de estresse autorrelatado.

Descriptores: Perfil de Saúde; Perfil Profissional; Enfermeiros; Institutos de Cardiologia.

O que se sabe?

A literatura aponta o perfil da equipe de enfermagem de maneira generalista, em uma visão nacional. Existem, ainda, estudos que demonstram pequenas particularidades sobre esse perfil, em diferentes circunstâncias.

O que o estudo adiciona?

O artigo apresenta o perfil de enfermeiros a partir de uma instituição pública especializada em saúde cardiovascular, referência em formação de enfermeiros especialistas nessa área.



Como citar este artigo: Santos BLB, Marcelino CAG, Simonetti SH. Aspectos sociodemográficos, laborais e de saúde de enfermeiros de um hospital especializado em cardiologia. Rev. enferm. UFPI. [internet] 2025 [citado em: dia mês abreviado ano];14:e5932. DOI: 10.26694/reufpi.v14i1.5932

Abstract

Objectives: To identify sociodemographic, occupational and health aspects in nurses at a public hospital specialized in Cardiology from São Paulo. **Methods:** This is a descriptive and quantitative study involving 87 nurses working at the institution. Data collection took place from May to October 2023, using a questionnaire. Subsequently, the variables were grouped and analyzed. **Results:** Most of the professionals were female, married and white-skinned. Their mean age was 43.3 years old, with an mean income from 5,000 to 10,000 BRL; 85% were specialists, with cardiovascular care as the most common area of expertise. The most frequent health issues reported were high cholesterol and musculoskeletal disorders. The participants that reported higher happiness levels showed lower incidence of high cholesterol, cancer-related conditions and emotional disorders. Higher satisfaction levels were associated with private-sector employment contracts. The individuals who believed their health problems were not work-related reported greater happiness, higher satisfaction and lower stress levels. **Conclusion:** The analysis allowed characterizing the nurses in the context under study, revealing predominance of women, advanced-degree holders and professionals engaged in direct patient care. Most of the participants reported good health. An association was observed between happiness, satisfaction and self-reported stress levels.

Descriptors: Nurses; Cardiology Service, Hospital; Job Satisfaction; Occupational Stress.

Resumén

Objetivos: Identificar aspectos sociodemográficos, laborales y de salud en enfermeros de un hospital público especializado en Cardiología de San Pablo. **Métodos:** Estudio descriptivo y cuantitativo, con 87 enfermeros que trabajan en la institución. Los datos se recolectaron entre mayo y octubre de 2023 por medio de un cuestionario. Posteriormente, se agruparon y analizaron las variables. **Resultados:** La mayoría de los profesionales pertenecían al sexo femenino, estaban casados y eran de raza blanca. La media de edad fue 43,3 años y los ingresos medios fueron de 5000 a 10.000 reales; el 85% eran especialistas, con el área Cardiovascular como la más común. Los problemas de salud más frecuentes fueron colesterol alto y enfermedades osteomusculares. Los participantes más felices presentaron menor incidencia de colesterol alto y de enfermedades oncológicas y emocionales. Los niveles de satisfacción más elevados entre los profesionales se relacionaron con vínculos laborales de iniciativa privada. Las personas que no creían que sus problemas de salud estuvieran relacionados con el trabajo estaban más felices y satisfechas y menos estresadas. **Conclusión:** El análisis permitió caracterizar a los enfermeros del contexto estudiado, con predominio de mujeres, posgraduados y dedicados a la asistencia. La mayoría declaró gozar de buena salud. Se observó una asociación entre felicidad/satisfacción y nivel de estrés autoinformado.

Descriptores: Perfil de Salud; Perfil Laboral; Enfermeros; Instituciones Cardiológicas.

INTRODUÇÃO

Em 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou um documento chamado “Estado da Enfermagem no Mundo 2020: investir em educação, emprego e liderança”. Durante o levantamento realizado, foram elencados aspectos considerados essenciais para que esse estado seja compreendido, através das variáveis idade, sexo e informações relacionadas à educação e capacitação. Assim, são determinados não somente a situação em que a categoria se encontra, mas também as metas a serem traçadas para a manutenção e melhoria da atuação dos profissionais que compõem a enfermagem no mundo.⁽¹⁾

Em resposta ao chamado da OMS, o Estado da Enfermagem no Brasil foi apurado, possibilitando a criação e o planejamento de políticas voltadas para esse público, uma vez que a enfermagem corresponde a cerca de 70% da força de trabalho do setor saúde no Brasil,⁽²⁾ caracterizando a importância destes profissionais para ser garantido à população brasileira o direito à saúde, como descrito no Artigo 6º da Constituição Federal de 1988.⁽³⁾

Apesar do quantitativo da equipe de enfermagem no Brasil, estudos comprovam que existe certa desigualdade na distribuição desses profissionais pelo país,^(2,4) com maior densidade na região sudeste, sendo a única região onde o coeficiente profissional por índice de habitante de enfermeiros, técnicos de enfermagem (TE) e auxiliares de enfermagem (AE) excede o índice nacional. Além disso, os profissionais que integram a equipe de enfermagem tendem a se centralizar em áreas urbanas.⁽⁴⁾ Tais informações são relevantes, por alterarem não somente a dinâmica de trabalho desta profissão, mas também do setor saúde brasileiro, apontando diferenças geográficas importantes que impactam diretamente na assistência prestada aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

Ademais, outras perspectivas relacionadas ao perfil da equipe podem influenciar em aspectos trabalhistas, como demonstrado em estudo recente, no qual as variáveis sexo, idade, estado civil, escolaridade, vínculo empregatício, tempo de trabalho, número de setores trabalhados, autoavaliação do estado de saúde e presença de doenças crônicas influenciaram na ocorrência de absenteísmo e presenteísmo entre os profissionais entrevistados.⁽⁵⁾ Supõe-se que uma das causas desses fenômenos possa estar relacionada ao estado de saúde que abrange o biopsicossocial desses profissionais. De tal forma, uma pesquisa realizada através do diagnóstico situacional com a equipe de enfermagem, constatou que o adoecimento dos profissionais pode estar relacionado com o ambiente de trabalho desses indivíduos, o

qual é classificado, em geral, como um local crítico, com situações que promovem tensão, alta carga de trabalho e riscos ocupacionais.⁽⁶⁾

Outro componente essencial no que diz respeito ao perfil do enfermeiro é a capacitação profissional. Em referência especial aos profissionais que atuam especificamente com saúde cardiovascular, em 2020, o *American College of Cardiology* lançou um documento que pretende nortear as competências clínicas dos enfermeiros atuantes nessa especialidade, uma vez que pessoas com comprometimentos cardiovasculares demandam cuidados específicos.⁽⁷⁾ É possível presumir, portanto, que pode haver diferença nos níveis de instrução e instrumentalização de enfermeiros que atuam diretamente na área.

Em 2017, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) publicou os aspectos sociodemográficos e laborais dos trabalhadores de enfermagem no Brasil.⁽⁸⁾ No entanto, para serem criados planos de ação destinados a melhorias para essa população, faz-se necessário obter dados que identifiquem esses profissionais e reconheçam suas particularidades e necessidades. A partir disso, a pergunta norteadora do presente estudo é “Qual o perfil sociodemográfico, laboral e de saúde dos profissionais da equipe de enfermagem atuantes em um hospital público especializado em cardiologia situado na cidade de São Paulo?”. Portanto, o objetivo da pesquisa é identificar os aspectos sociodemográficos, laborais e de saúde de enfermeiros de um hospital público especializado em cardiologia na cidade de São Paulo.

MÉTODOS

Estudo descritivo objetivo, com análise quantitativa dos dados, com etapas metodológicas norteadas a partir do *Checklist STROBE*. A pesquisa ocorreu em um hospital especializado em cardiologia na cidade de São Paulo.

O hospital em questão é uma instituição de referência em saúde cardiovascular e atua do nível primário ao nível terciário de atenção à saúde desde 1954, recebendo pacientes de todo o Estado de São Paulo. Sua administração é realizada através da gestão pública em parceria com uma entidade privada, que contribui ao avanço do serviço, provendo recursos materiais e humanos, apoio hospitalar, de ensino e pesquisa.

A população em questão abrange os profissionais enfermeiros do hospital, com vínculo empregatício formal, através dos contratos estatais ou iniciativa privada por meio de uma fundação de apoio. Ao total, a equipe de enfermagem do hospital conta com 210 enfermeiros. A amostragem foi por conveniência, buscando atingir o maior número de participantes elegíveis da população de interesse de acordo com o tempo determinado pela pesquisa.

Foram incluídos os enfermeiros subordinados à diretoria de enfermagem da instituição, atuantes durante o período da coleta de dados, que aceitaram participar da pesquisa. Foram excluídos os enfermeiros com vínculo de contrato com a instituição inferior a 3 meses.

A coleta de dados se deu no período de maio a outubro de 2023. A divulgação da pesquisa ocorreu por três estratégias. Inicialmente, foram disponibilizados *links* de acesso via e-mail para as chefias dos setores para que auxiliassem na divulgação para os funcionários sob sua gestão. Concomitantemente, foram disponibilizadas em todas as unidades do hospital *banners* com informações sobre a pesquisa, *link* e *QR-code* para preenchimento do questionário. Por fim, durante os dois últimos meses da coleta de dados, os pesquisadores realizaram busca ativa nos setores, identificando profissionais interessados em participar do estudo.

Sendo assim, o interessado em participar da pesquisa obtinha acesso à plataforma RedCap®, onde o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) era apresentado para leitura na íntegra para o participante fornecer sua assinatura em caso de concordância com o termo. Só após aplicação do TCLE a plataforma direcionava o participante para um questionário que abordava perguntas sobre dados sociodemográficos, dados referentes à escolaridade e saúde, antecedentes pessoais e familiares, características relacionadas ao vínculo empregatício vigente com a instituição e informações a respeito de outros vínculos exercidos, questionamento não obrigatório sobre a felicidade com sua situação atual e escalas numéricas pontuando de 0 a 10, elaboradas pelos autores, sobre o nível de estresse e de satisfação percebido pelo próprio participante da pesquisa.

As variáveis contínuas foram descritas com uso das médias, medianas, desvios padrão e quartis. As variáveis categóricas foram descritas com uso das frequências absolutas e relativas. Utilizaram-se gráficos *boxplot* para descrever as escalas de satisfação e estresse. As escalas de satisfação e estresse foram categorizadas em valores de 0 a 5 e 6 a 10. A comparação das variáveis de base segundo categorias de satisfação, estresse ou estado de felicidade foi feita com uso de teste de hipóteses. Para variáveis contínuas

utilizou-se teste T-Student e para variáveis categóricas utilizou-se o teste de Qui-quadrado ou Fisher. As análises foram conduzidas com auxílio do software R, versão 4.2.1.

O estudo seguiu as normas da legislação para realizar pesquisa com seres humanos. A aprovação do projeto se deu pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, sob número CAAE: 67894323.1.0000.5462.

Todos os participantes preencheram o TCLE, onde foram expostos os riscos e benefícios do estudo em questão, tendo dados coletados após ciência das etapas do projeto e assinatura do termo. A fim de minimizar o risco de quebra de confidencialidade, os dados foram armazenados em banco de dados próprio dos pesquisados, protegido com senha, sem o compartilhamento de informações com terceiros.

RESULTADOS

O questionário recebeu 87 respostas válidas durante o período de coleta de dados, abrangendo aproximadamente 46,5% da população estudada que se caracterizou como apta para participar da pesquisa.

Os dados socioeconômicos e demográficos encontram-se descritos na Tabela 1. A média de idade dos participantes resultou em 43,3 anos. A maioria dos enfermeiros eram do sexo feminino e se autodeclaravam brancos; 55% afirmaram ter filhos e 52% da população do estudo referiu ser casada. Observa-se que a renda pessoal e a renda familiar permaneceram dentro do intervalo de cinco a dez mil reais, conforme o padrão adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para a maioria da população entrevistada.

Tabela 1. Dados socioeconômicos e demográficos. São Paulo, SP, Brasil, 2024. (n=87)

Variáveis	n=87
Idade	
Média (DP)	34,3 (9,7)
Mediana [25%; 75%]	43,0 (37,0; 49,0)
Sexo	
Feminino	76/87 (87%)
Masculino	11/87 (13%)
Raça/Cor	
Amarela	3/87 (3,4%)
Branca	61/87 (70%)
Parda	17/87 (20%)
Preta	6/87 (6,9%)
Filhos	
Não	39/87 (45%)
Sim	48/87 (55%)
Quantidade de filho	
Média (DP)	1,8 (1,0)
Mediana [25%; 75%]	2,0 [1,0; 2,0]
Estado civil	
Casado	45/87 (52%)
Divorciado	3/87 (3,4%)
Separado	1/87 (1,1%)
Solteiro	36/87 (41%)
Viúvo	2/87 (2,3%)
Renda	
2.001,00 a 3.000,00 reais	1/87 (1,1%)
3.001,00 a 5.000,00 reais	13/87 (15%)
5.001,00 a 10.000,00 reais	57/87 (66%)
10.001,00 a 20.000,00 reais	16/87 (18%)
Renda familiar	
1.001,00 a 2.000,00 reais	1/87 (1,1%)
2.001,00 a 3.000,00 reais	1/87 (1,1%)
3.001,00 a 5.000,00 reais	7/87 (8,0%)
5.001,00 a 10.000,00 reais	35/87 (40%)
10.001,00 a 20.000,00 reais	31/87 (36%)
20.001,00 reais ou mais	12/87 (14%)
Escolaridade	

Ensino superior completo	5/87 (5,7%)
Pós graduação incompleta	3/87 (3,4%)
Pós graduação completa	79/87 (91%)

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito à escolaridade, 91% dos funcionários eram pós-graduados. Os dados encontrados evidenciam uma média de 16,34 anos de formação profissional desde o início na profissão. O tipo de graduação mais comum foi *lato sensu*, onde 74 enfermeiros (85%) referiram ter algum tipo de especialização, com prevalência nas áreas de cardiologia (48%), seguido de gestão (14%) e urgência e emergência (14%). Destaca-se que a maioria dos profissionais possuíam mais do que uma especialização. Entre os 14 participantes que afirmaram possuir graduação do tipo *stricto sensu* (16% da população estudada), o título mais comum foi o mestrado, com um quantitativo de 11% (n=10), seguido de doutorado com 3,4% (n=3) e pós-doutorado com 1,1% (n=1).

Quanto às variáveis de saúde, 30 participantes (ou seja, 34%) relataram ter problemas crônicos de saúde, com maior prevalência de colesterol alto (18%), doenças osteomusculares (16%), hipertensão arterial (15%), triglicerídeos elevados (10%), doenças psiquiátricas (9,2%) e diabetes e doenças cardíacas (ambos com 6,5%). Das 87 respostas, 24 (27,5%) relataram que os problemas de saúde estavam relacionados ao trabalho.

Observa-se que 47,1% dos indivíduos relataram uso de alguma medicação, com prevalência de anti-hipertensivos (14%), ansiolíticos e reguladores de humor (13%) e antidepressivos (9,2%). As respostas relativas aos hábitos de saúde revelaram que a maioria dos enfermeiros não faziam uso de bebidas alcoólicas ou cigarros.

O histórico familiar dos participantes demonstra uma prevalência para hipertensão arterial, com 76% do quantitativo de respostas, seguido por diabetes com 52%, doenças cardíacas com 47% e doenças oncológicas com 41%.

Em relação aos dados antropométricos coletados, o peso autorreferido foi, em média, de 72,6 kg, enquanto a altura média foi de 1,6 m. O IMC médio dessa população foi de 26,9 kg/m², caracterizando sobrepeso.

Quando questionados quanto à prática de atividade física, 39% dos participantes relataram não realizar nenhuma atividade, enquanto 61% relataram fazer algum tipo de exercício. Desses, 30% realizam atividade de 3 a 5 vezes na semana, 26% realizam de 1 a 2 vezes na semana e 4,6% o fazem de 6 a 7 vezes na semana.

O questionário abordou a pergunta “Como você considera sua saúde?”. A maioria dos participantes categorizou sua resposta como “Muito boa” (51%), seguido de “Regular” (29%), “Boa” (18%) e “Ruim” (2,3%).

Em relação às características de trabalho, os dados evidenciam que a maioria (80%) dos participantes exercem cargos assistenciais como enfermeiros, seguido de enfermeiros que desempenhavam papéis gerenciais (17%), como demonstrado na Tabela 2. O ingresso destes profissionais se deu majoritariamente entre os anos de 2011 e 2020 e o turno de trabalho mais abrangido pela pesquisa foi o de 12x36 diurno. A maioria das respostas do questionário foram preenchidas por funcionários do Pronto Socorro e da Unidade de Terapia Intensiva caracterizada pelo atendimento no pós-operatório de cirurgia cardíaca.

Entre a população abrangida, 34% referiu manter outro vínculo profissional fora da instituição, tendo a maior parte vínculo de trabalho provido por iniciativa privada.

Tabela 2. Aspectos laborais. São Paulo, SP, Brasil, 2024. (n=87)

Variáveis	n=87
Função exercida na instituição	
Assistencial	70/87 (80%)
Ensino	2/87 (2,3%)
Gerencial	15/87 (17%)
Ano de ingresso na instituição	
1988-2000	12/87 (14%)
2001-2010	18/87 (21%)
2011-2020	36/87 (41%)
2021-2023	21/87 (24%)
Turno de trabalho	

12x36 diurno	36/87 (41%)
12x36 noturno	11/87 (13%)
6x1, no período da manhã	12/87 (14%)
6x1, no período da tarde	8/87 (9,2%)
Segunda a sexta, 10h por dia	2/87 (2,3%)
Segunda a sexta, 8h por dia	18/87 (21%)
Vínculo profissional	
Duplo vínculo	9/87 (10%)
Estado	26/87 (30%)
Fundação de apoio	52/87 (60%)
Setor de atuação	
Ambulatório Clínico	3/87 (3,4%)
Ambulatório de Métodos Diagnósticos	3/87 (3,4%)
CCIH	1/87 (1,1%)
Central de material e esterilização	2/87 (2,3%)
Centro Cirúrgico I	3/87 (3,4%)
Centro Cirúrgico II	4/87 (4,6%)
Diretoria de Enfermagem	1/87 (1,1%)
Enfermaria Pré e Pós-operatório	6/87 (6,9%)
Enfermaria Vascular, Transplante e Congênito Adulto	6/87 (6,9%)
Hemodinâmica	6/87 (6,9%)
Hospital Dia e Hemodiálise	1/87 (1,1%)
Organização e Procura de Órgãos (OPO)	4/87 (4,6%)
Programa de Residência de Enfermagem	1/87 (1,1%)
Pronto Socorro	14/87 (16%)
Serviço de Educação Continuada	2/87 (2,3%)
Unidade Cardiologia Geral	2/87 (2,3%)
Unidade Coronariana (UCO)	6/87 (6,9%)
Unidade de Internação Pediátrica	4/87 (4,6%)
Unidade de Terapia Intensiva Clínica	4/87 (4,6%)
Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica	6/87 (6,9%)
Unidade de Terapia Intensiva Pós Operatório Adulto	8/87 (9,2%)
Quantidade de setores em que atuou na instituição	
Média (DP)	2,5 (1,8)
Mantém vínculo de trabalho fora da instituição?	
Não	57/87 (66%)
Sim	30/87 (34%)
Tipo de vínculo profissional fora da instituição	
Autônomo	4/30 (13%)
Celetista	14/30 (47%)
Funcionário público	11/30 (37%)
Pessoa jurídica	1/30 (3,3%)

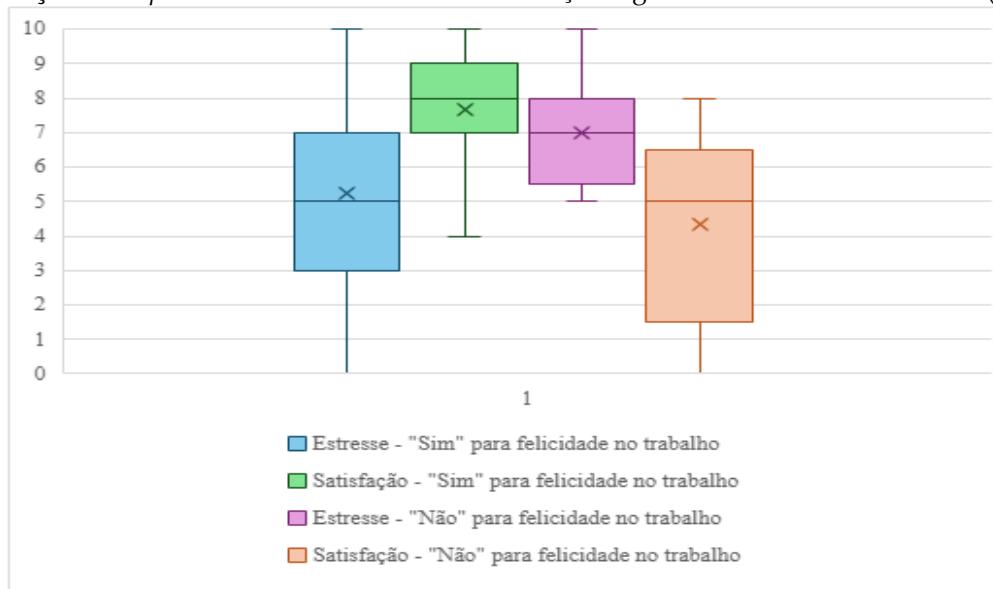
Fonte: Elaborado pelos autores.

O estado de “satisfação” e “estresse” foi mensurado por meio de uma escala numérica de 0 a 10, sendo que a média de “satisfação” obteve um valor de 7.17 com desvio padrão de 2.22 e a média do “estresse” obteve um valor de 5.43 com desvio padrão de 2.70. Na ilustração 1 é possível verificar o *boxplot* gerado por tais variáveis.

Ilustração 1. Boxplot das escalas de estresse e satisfação. (n=87)

Fonte: Elaborado pelos autores.

O questionário de coleta de dados também abordou uma pergunta não obrigatória sobre o estado de felicidade dos participantes. Das 87 respostas ao formulário, 5 não apresentam resposta para tal pergunta. Sendo assim, das 82 respostas, 72 (88%) pessoas afirmaram serem felizes, enquanto 10 (12%) responderam que não são felizes. Na ilustração 2, é possível observar o boxplot da associação das escalas de estresse e de satisfação segundo o estado de felicidade.

Ilustração 2. Boxplot das escalas de estresse e satisfação segundo o estado de felicidade. (n=87)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao analisar as variáveis de base segundo o estado de felicidade, pode-se observar que as variáveis que se demonstraram significativas ($p<0,05$) para a associação com níveis maiores de felicidade foram: pessoas que não possuem colesterol alto ($p=0,021$), nem doenças oncológicas ($p=0,038$), e/ou doenças psiquiátricas ($p=0,006$) e pessoas que não acreditam que os problemas de saúde pessoais estejam relacionados a fatores laborais ($p\leq 0,001$).

A associação dos dados de base com o estado de estresse apontado pelos indivíduos evidenciou, através do valor p , que indivíduos menos estressados não apresentavam bronquite/asma ($p=0,045$). Já aqueles que se identificaram com menores índices de estresse autorrelatado eram, em geral, indivíduos que não acreditavam que seus problemas de saúde estivessem relacionados ao trabalho ($p=0,02$).

No que diz respeito às variáveis de base quando analisadas do ponto de vista da escala de satisfação, os maiores níveis de satisfação foram associados àqueles que não acreditavam que seus problemas de saúde estavam relacionados com aspectos laborais ($p=0,011$) e com pessoas que mantinham vínculo empregatício proporcionado através da fundação de apoio vinculada ao hospital ($p=0,029$).

DISCUSSÃO

Com relação aos dados sociodemográficos obtidos, quando comparados ao Perfil da Enfermagem no Brasil em pesquisa elaborada pelo COFEN e pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) no ano de 2017, observa-se que a equipe do hospital em questão apresenta correlações com os dados encontrados para enfermeiros a nível federal, uma vez que a população do estudo foi composta majoritariamente por mulheres, pessoas que se autodeclararam como brancas e com estado civil casadas.⁽⁸⁾ Tais dados também são apresentados em um estudo que se propôs a analisar os mesmos fatores em enfermeiros de diversos hospitais de uma cidade no Mato Grosso do Sul, com exceção da raça/cor, não mencionada nos resultados do estudo em questão.⁽⁹⁾

Ademais, outros estudos que avaliaram o perfil sociodemográfico da equipe de enfermagem composta por enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem também evidenciaram que a maioria da população inclusa na coleta de dados pertencia ao sexo feminino,⁽¹⁰⁻¹²⁾ o que destaca a feminilização da enfermagem.

A idade média do estudo apresentou correlação com a segunda faixa etária mais frequente do perfil nacional, de 36 a 50 anos, que representa 34,6% dos enfermeiros do Brasil.⁸ Isso demonstra que apesar da realidade do país caracterizar uma equipe mais jovem, a instituição em questão ainda mantém, em sua maioria, profissionais mais velhos, com tempo médio de formação de aproximadamente 16 anos, divergindo da média nacional de 10 anos ou menos.⁽⁸⁾

A renda pessoal autodeclarada pelos participantes do estudo variou, em sua maioria, de 5 a 10 mil reais, em concordância com o salário médio de enfermeiros encontrado na literatura,⁽⁹⁾ mas destoando da apuração realizada para traçar o perfil do enfermeiro no Brasil, onde a faixa salarial mais comum foi de menos de 3.000 reais.⁽⁸⁾

Quanto à formação profissional evidenciada nos dados coletados, observa-se que 90% dos profissionais possuíam pós-graduação completa, caracterizando uma abundância de profissionais especializados. No Brasil, 80,3% dos enfermeiros possuem especialização do tipo *lato sensu*.⁽⁸⁾ Destaca-se que a área de especialização mais comum do hospital sediador da pesquisa foi a área cardiovascular, o que condiz com a área onde o hospital é referência. Tal fato é contrastante com um estudo realizado levantando o perfil de enfermeiros atuantes em setores relacionados à pediatria de um hospital público, que evidenciou somente 27,2% de enfermeiros com formação para a área em que atuavam.⁽¹²⁾

Um estudo de 2020, realizado com a equipe de enfermagem atuante em unidades de cardiologia de um hospital universitário, público e terciário na cidade de São Paulo, propôs a identificação dos fatores de risco cardiovasculares com base nas características sociodemográficas da população estudada. Os achados apontam o sedentarismo, a sonolência excessiva, a obesidade, a hipertensão e os sintomas de depressão como riscos notórios.⁽¹³⁾ Entre a população estudada, observamos uma tendência ao sobrepeso e a alta incidência de doenças emocionais e hipertensão, indo ao encontro com os achados da literatura.

Em uma revisão integrativa da literatura realizada em 2021 com o intuito de traçar o perfil de adoecimento relacionado ao trabalho de profissionais da enfermagem, o grupo de doenças mais citadas foram as doenças mentais, seguido pelas doenças osteomusculares.⁽¹⁴⁾ Tais doenças também apresentaram índices de ocorrência significativos no presente estudo. É importante salientar que, apesar destes achados e do quantitativo de pessoas que acreditam que o trabalho afeta a própria saúde, observa-se que a maioria classificou a própria saúde como “Muito boa”.

Através dos resultados encontrados no presente estudo, podemos observar que o conceito de felicidade tem grande relação com a saúde dos participantes, uma vez que houve associação com ausência de doenças físicas e mentais e baixos níveis de colesterol e com a crença de que seus problemas de saúde não eram relacionados às atividades laborais. Esses dados indicam pessoas com níveis de sentimentos positivos mais elevados no que tange à qualidade de vida no trabalho (QVT), uma vez que a saúde dos trabalhadores é um dos pilares deste conceito.⁽¹⁵⁾

A satisfação no trabalho apresentou maior relação com funcionários que obtiveram vínculo empregatício através do regime proporcionado pela fundação de apoio à instituição. Estudos evidenciam que a satisfação é modulada por fatores como remuneração, realização profissional e questões relacionadas

à escala de trabalho.^(16,17) No cenário da pesquisa, infere-se que a satisfação de funcionários contratados pela fundação se dá em condições de remuneração melhores se comparadas aos funcionários estatutários, acarretando má remuneração e, em alguns casos, busca por duplo vínculo na própria instituição ou em outras instituições a fim de complementar a renda pessoal. Destaca-se que durante o período de coleta de dados o piso salarial dos profissionais da enfermagem ainda não havia sido estabelecido concretamente.

Por fim, indivíduos que associaram os problemas de saúde a questões laborais obtiveram maiores índices de estresse e menores índices de felicidade e satisfação. Em geral, os estudos comprovam que a insatisfação, o estresse e a infelicidade são frutos de fatores em comum, como a falta de reconhecimento, elementos que afetam o relacionamento interpessoal e a criação de vínculo, dificuldades com o clima organizacional, sobrecarga de trabalho, dupla jornada, questões de remuneração e escala, dificuldade de relacionamento com a chefia, falta de recursos materiais e físicos além das questões intrínsecas da profissão ao lidar com pacientes críticos e ameaças à vida.⁽¹⁶⁻²⁰⁾ No entanto, estratégias como a terapia do riso⁽²¹⁾, a adequação de gestão e educação, o diálogo, as práticas integrativas e complementares e *coping*⁽²²⁾ foram citadas na literatura como táticas eficientes para promover a felicidade e diminuir os fatores estressores.

Houve limitações metodológicas no estudo quanto ao tamanho da amostra, uma vez que não foi possível alcançar mais enfermeiros da instituição. Tal fato deve-se, entre outros, a fatores como: dificuldades para a realização de uma coleta de dados remota, adequação dos participantes ao recurso tecnológico utilizado, obstáculos para abranger diferentes turnos e o desafio de conciliar a participação com as demandas do trabalho. Ainda assim, os dados levantados e analisados permitem traçar novos planos de ação e elaboração de novos estudos voltados à população estudada.

CONCLUSÃO

Com base nos resultados e na análise estatística, foi possível caracterizar de forma abrangente os enfermeiros no contexto estudado. Identificaram-se nuances do perfil sociodemográfico, com predominância de mulheres e pós-graduados. As condições de trabalho revelaram maioria de enfermeiros assistenciais, e a maioria relatou boa saúde. Notou-se ainda associação significativa entre bem-estar no trabalho – expresso em felicidade e satisfação – e a modulação do estresse vivenciado por esses profissionais.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Concepção ou desenho do estudo: Santos BLB, Marcelino CAG, Simonetti SH. Coleta dos dados: Santos BLB, Simonetti SH. Análise e interpretação dos dados: Santos BLB, Marcelino CAG, Simonetti SH. Redação do artigo ou revisão crítica: Santos BLB, Marcelino CAG, Simonetti SH. Aprovação final da versão a ser publicada: Santos BLB, Marcelino CAG, Simonetti SH.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization (WHO). State of the world's nursing 2020: investing in education, jobs and leadership. 2020.
2. Oliveira APC, Ventura CAA, Silva FV, Angotti Neto H, Mendes IAC, Souza KV, et al. State of nursing in Brazil. Rev Lat Am Enfermagem. 2020;28:0-3. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.0000.3404>
3. Brasil. Constituição 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília (DF): Senado; 1988.
4. Carneiro FA, Linch GFC, Paz AA. Desigualdade da distribuição de profissionais de enfermagem no contexto brasileiro. Rev Enferm UFPE online. 2021;15(1). DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2021.244551>
5. Tracera GMP, Santos KM, Nascimento FPB, Fonseca EC, Abreu ÂMM, Zeitoune RCG. Fatores associados ao presenteísmo em profissionais de enfermagem ambulatorial. Rev Gaúcha Enfermagem. 2022;43:e20210222. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210222>
6. Fonsêca LCT, Holmes ES, Albuquerque TM, Santos, SR. Vulnerabilidade da saúde dos profissionais de enfermagem no contexto hospitalar: Revisão integrativa. Rev Enferm UFPE online. 2016;10(7):2687-95. DOI: <https://doi.org/0.5205/reuol.9106-80230-1-SM1007201648>

7. Rodgers GP, *et al*. 2020 ACC NP/PA Competencies for adult CV medicine. *JACC*. 2020;75(19):2483-517. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jacc.2020.01.005>
8. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Relatório final da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil. 2017.
9. Matos Filho SA, Souza NVDO, Santos NA. Aspectos sociodemográficos, laborais e de saúde de trabalhadores de enfermagem de uma organização hospitalar. *Open Sci Res II*. 2022;1:531–43. DOI: <https://doi.org/10.37885/220207701>
10. Araújo MAN, Lunardi Filho WD, Alvarenga MRM, Oliveira RD, Souza JC, Vidmantas S. Perfil sociodemográfico dos enfermeiros da rede hospitalar. *Rev enferm UFPE online*. 2017;11(11):4546–53. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i11a231214p4716-4725-2017>
11. Farias JR, Chermont AG, Savino Neto S, Mauro MYC, Frazão AGF, Almeida CSC, *et al*. Riscos ocupacionais dos profissionais de enfermagem hospitalar: perfil sociodemográfico e laboral. *Res Soc Dev*. 2022;11(9):e38311931974. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31974>
12. Silva PRM, Araújo FL, Montenegro LC, *et al*. Socio-demographic and work profile of nursing professionals who provide care for children and adolescents with cancer. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*. 2021;11:e4067. DOI: <http://doi.org/10.19175/recom.v11i0.4067>
13. Valentini AB, Veloso FC, Abuchaim ESV, Santos VB, Lopes JL. Fatores de risco cardiovascular modificáveis em profissionais de enfermagem do setor de cardiologia: estudo transversal. *Rev Eletrônica Enferm*. 2020;22(59914):1–7. DOI: <http://doi.org/10.5216/ree.v22.59914>
14. Damiani B, Carvalho M. Illness in nursing workers: A literature review. *Rev Bras Med do Trab*. 2021;19(2):214–23. DOI: <https://doi.org/10.47626%2F1679-4435-2020-592>
15. Teixeira GS, Silveira RCP, Mininel VA, Moraes JT, Ribeiro IKS. Qualidade de vida no trabalho e estresse ocupacional da enfermagem em unidade de pronto atendimento. *Texto e Contexto Enfermagem*. 2019; 38:e20180298. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0298>
16. Pimentel NJS, Silva RRC, Oliveira YHA, Silva AGI. A satisfação dos trabalhadores de enfermagem como indicador de gestão. *Rev Eletrônica Acervo Saúde*. 2020;55(e3258):1–8. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e3258.2020>
17. Santos EL, Silva CEP, Oliveira JM, Barros VF, Romão CMSB, Santos JJ, *et al*. Professional satisfaction of nurses in the intensive care unit environment. *Rev Baiana Enferm*. 2021;35(e42812):1–11. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.42812>
18. Ferreira PG, Fakuda CC. Felicidade no trabalho no Brasil: Uma revisão sistemática da literatura. *Psicol Argumento*. 2021;39(107):1321–46. DOI: <https://doi.org/10.7213/psicolargum39.107.AO15>
19. Sousa CNS, Silva FB, Silva JL, Santos AJA, Rocha EP, Mello FRF, *et al*. Analysis of occupational stress in nursing: integrative review. *Rev Eletrônica Acervo Saúde*. 2020;52(e3511):1–8. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e3511.2020>
20. Santana LC, Ferreira LA, Santana LPM. Estresse ocupacional em profissionais de enfermagem de um hospital universitário. *Rev Bras Enferm*. 2020;73(2):1–7. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0997>

21. Videira I, Martins R. Laughter therapy: benefits in humor and happiness for health professionals. Gestão E Desenvolv. 2023;31:103–121. DOI: <https://doi.org/10.34632/gestaoedesarrollo.2023.11845>

22. Calil TZN, Francisco CM. Estratégias nas instituições de saúde para reduzir estresse na enfermagem. Revista Recien. 2020; 10(29):40-7. DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2358-3088.2020.10.29.40-47>

Conflitos de interesse: Não
Submissão: 2024/07/11
Revisão: 2024/05/23
Aceite: 2025/05/27
Publicação: 2025/07/14

Editor Chefe ou Científico: Raylane da Silva Machado
Editor Associado: Andressa Suelly Saturnino de Oliveira

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à Revista de Enfermagem da UFPI o direito de primeira publicação, com o trabalho licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution BY 4.0 que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.